

NIETZSCHE E A HEURÍSTICA DA CRIAÇÃO: MECANISMOS DE ESTRUTURAÇÃO DE SIGNIFICAÇÃO/SENTIDO DO AUTOR AO LEITOR

Márcia de Souza Martins¹

RESUMO

Neste artigo, discutir-se-á, à luz das contribuições Nietzscheanas, o conceito de compaixão para entender como os mecanismos ou deslocamentos de estruturação de significação/sentidos utilizados pelo autor no seu processo de escrita são ao mesmo tempo um aspecto heurístico-performático do seu modo de estruturar seus argumentos, mais também, há aí, “uma dissensão de concepções da filosofia, do mundo e da vida” (CORREIA, 2013, p, 803), daí dizermos uma singularidade/subjetividade de mundo e de vida expressas pelo autor, e que dizem respeito à criação de seu modo de existência e estilo de vida frente à própria vida.

Palavras-chave: Nietzsche; Heurística; autor; leitor; compaixão.

INTRODUÇÃO

Não é necessário ser um leitor especialista em Friedrich Nietzsche para se dar conta do modo como o autor coloca e re-coloca, o tempo todo, em seus textos seus conceitos/figurações de maneira criativo-nova/diferente. É como se sua escrita seguisse a direção oposta/inversa, do que ele mesmo chama de “atavismo de primeiríssima ordem” entre os filósofos (NIETZSCHE, 1992, aforismo 20, p. 25-26) ². Deste modo, que seu leitor, independente do elo que se estabeleça com o autor, durante o processo de leitura de suas obras, é sempre desafiado a posicionar-se ativamente neste processo. Seja resistindo/rejeitando, seja concordando/aceitando ou ainda decidindo/deliberando. O que se espera deste leitor, como nos dizeres do próprio autor: é “uma predileção, [...], por perguntas para as quais ninguém hoje tenha coragem”, “a coragem para o proibido”, além da “incondicional liberdade ante si

¹ bacharela em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória, cursando Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

² Neste aforismo Nietzsche faz uma crítica feroz à maneira como os filósofos desenvolvem seus conceitos, segundo ele os mesmos se sentem independentes uns dos outros, contudo, um após o outro seguem numa mesma ordem definida. Deste modo, seus pensamentos não são uma descoberta, mas antes, um reconhecimento e uma relembração de algum outro. Neste sentido, para ele, “filosofar é um atavismo de primeiríssima ordem.”

mesmo” (NIETZSCHE, 2007, prólogo), frente ao desafio que é se colocar nestes labirintos textuais, labirintos hiperbolicamente construídos para abalroar.

Assim, a nossa reflexão ao se voltar para o conceito de compaixão, se interessa por entender como os mecanismos ou deslocamentos de estruturação de significação/sentidos utilizados pelo autor no seu processo de escrita são ao mesmo tempo um aspecto heurístico-performático do seu modo de estruturar seus argumentos, mais também, há aí, “uma dissensão de concepções da filosofia, do mundo e da vida” (CORREIA, 2013, p, 803), daí dizermos uma singularidade/subjetividade de mundo e de vida expressas pelo autor, e que dizem respeito à criação de seu modo de existência e estilo de vida frente à própria vida.

O CONCEITO DE COMPAIXÃO NA ESCRITA NIETZSCHIANA, UMA HEURÍSTICA DA CRIAÇÃO: ENCONTROS E DESENCONTROS DO INDIVÍDUO/FILÓSOFO/FILÓLOGO CONSIGO PRÓPRIO E COM SEU MUNDO

Iniciemos Observando o movimento de Nietzsche no aforismo 7, da sua obra *O Anticristo*. O conceito de compaixão aparece, e diante de tal subjetividade³, exposta de modo hiperbolicamente agressiva, o autor coloca à sua maneira, sob os personagens/figura de “nós os hiperbóreos”, o que se segue:

Ousou-se chamar a compaixão uma virtude (- em toda moral nobre é considerada fraqueza -); foi-se mais longe, fez-se dela a virtude, o solo e a origem de todas as virtudes [...]. Repito: esse instinto depressivo e contagioso entrava os instintos que tendem à conservação e elevação do valor da vida: é um instrumento capital na intensificação da *décadence*, como multiplicador da miséria e como conservador de tudo que é miserável – a compaixão persuade ao nada!... Mas não se diz “nada”: diz-se “além”; ou “Deus”; ou “a verdadeira vida”; ou nirvana, salvação, bem-aventurança... Esta inocente retórica do âmbito da idiossincracia moral-religiosa parece muito menos inocente quando se nota qual a tendência que aí veste o manto das palavras sublimes: a tendência hostil à vida. Schopenhauer era hostil à vida: por isso a compaixão tornou-se para ele uma virtude... Aristóteles, como se sabe, viu na compaixão algo doentio e perigoso, que era bom atacar de vez em quando com um purgativo: ele entendeu a tragédia como um purgativo. De fato, com base no instinto da vida se deveria buscar um remédio para este doentio e perigoso acúmulo de compaixão que aparece no caso de Schopenhauer [...]: aplicando-lhe uma alfinetada, para que ele estoure... Nada é tão pouco sadio, em meio à nossa pouca sadia modernidade, como a compaixão cristã. Ser médico nisso, ser implacável

³ A subjetividade, conforme mencionado, acima, será entendida aqui como os processos que acontecem internamente no sujeito e diz respeito à criação de modo de existência e de estilo de vida, ou seja, materialidade explícita dos seus processos de subjetivação. Sendo assim a maneira de colocar-se no mundo a partir de sua existência no próprio mundo.

nisso, nisso manejar o bisturi – eis algo que diz respeito a nós, é a nossa espécie de amor ao próximo, dessa maneira é que somos filósofos, nós, hiperbóreos! – (NIETZSCHE, 2007, aforismo 8, p. 13-14)

Percebe-se aqui, que o filósofo ao conceituar, cria por meio de sua escrita, segundo os estudos de Heloísa Helena Siqueira Correia, “uma direção inversa”, ou ainda “a exploração experimental dos conceitos” fazendo “lembrar aos seus leitores o caráter singular do filosofar trabalhando com a genealogia dos conceitos”, pois, segundo ela, “aforismo e ensaio tateiam conceitos, saboreiam concepções e inventam figuras do pensamento e da imaginação”, acompanhando assim “o movimento incessante da vida” (CORREIA, 2013, p. 800 e 8005). Desta forma, o leitor é convidado de modo instigante, a todo tempo, a ruminar ativamente esses processos de subjetivação em pleno instinto de ebulição (NIETZSCHE, 1998, p. 14-15)⁴.

Diante do fragmento aforístico supracitado, nosso olhar se volta para a compreensão da construção do sentido, (SAVIOLI; PLATÃO, 1991)⁵, pois os escritos nietzschianos são assim: vão se fazendo: no caminho/embate com a existência mesmo da vida (MACHADO, 2011, p. 57)⁶. No aforismo em questão, fica evidente, que a compaixão é um “instinto depressivo e contagioso”, que “mantém vivo todos os malogrados de todos os tipos”, além de ser “um instrumento capital na intensificação da *décadence*, como multiplicador da miséria e como conservador de tudo que é miserável”, e, ler isto assusta. Principalmente aos leitores mais desavisados, não acostumados com que o autor mesmo classifica como “uma nova exigência”, a saber: a necessidade de “uma crítica dos valores morais” (NIETZSCHE, 1998,

⁴ No prólogo, aforismo 8, Nietzsche conversa com seus leitores sobre uma possível incompreensibilidade desta obra e fala sobre a dificuldade da forma aforística, neste sentido, ele diz que o processo de leitura nestes casos exige uma nova postura por parte do leitor, sendo imprescindível neste tipo de leitura que o leitor aja como um animal ruminante.

⁵ Neste livro, os autores defendem, que alguns conhecimentos, tais como o conhecimento do sistema lingüístico, o conhecimento do contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido e conhecimentos relativos **aos mecanismos de estruturação do significado** são extremamente necessários para o processo de leitura e produção de textos.

⁶ Nesta dissertação, a autora, nos traz uma informação importante ao tratar sobre a questão da linguagem em Nietzsche, ela nos diz: “[...]. Há, portanto sempre uma relação que se estabelece entre a linguagem e a interpretação, mas o problema da linguagem em Nietzsche não aparece sempre da mesma maneira. **Altera-se ao longo de sua obra adquirindo contornos variados [...].**” Ou seja, é no caminho da vida, nos percursos de seus encontros e desencontros que vão surgindo seus escritos (Grifo nosso). No prólogo de *A Gaia Ciência*, por exemplo, ele nos alerta que naqueles escritos há “inquietação” e “contradição”. Eis aí uma construção de vida, na própria vida se fazendo.

aforismo 6 do prólogo, p. 12-13)⁷, deste modo, não é somente um re-colocar de conceito/significado/sentido que se está em questão, mas é “o próprio valor desses valores” que precisam ser colocados e ou re-colocados em questão⁸.

Neste sentido, por meio deste texto, o leitor é instigado a se perguntar: Qual o valor e moral da compaixão? E para os menos corajosos, Nietzsche mesmo pergunta: “para que moral, quando vida, natureza e história são “ímorais?”(NIETZSCHE, 2001, aforismo 344, p. 236). E eis aí um perspectivismo moral encaminhado (HUPPES, 2012, p. 45-46)⁹. Sem necessitar mencionar aqui as questões relativas ao pragmatismo nietzschiano.

Assim, em Nietzsche, o conceito de compaixão é pensando em confronto direto, com aquele que ele mesmo classificou como seu mestre (NIETZSCHE, 2001, aforismo 99, p. 123-126), e deste modo o processo de vivência e ensino-aprendizagem aparece. Desta maneira, não podemos mais e apenas falar de uma intertextualidade, e/ou relação de oposição entre textos filosóficos divergentes; não¹⁰. Aqui é o ato de posicionar-se na vida que grita. E não é apenas um grito de refutação na busca pela *vontade de poder*¹¹, e/ou uma ideologia de classes, mas, é o filósofo/filólogo de formação religiosa judaico-cristã descobrindo genealógicamente¹² os conceitos. Fazendo questão de ao re-colocar não apenas recorrer a uma lembrança de alguém, mas, aqui, o que se quer é descobrir e não descrever novamente o que já foi dito por alguém; pois não é a compaixão o seu problema maior, apesar de ser esta também um problema para Nietzsche (NIETZSCHE, 2001, aforismo 271, p. 186)¹³, contudo, é a moral e o valor da moral enquanto problema que lhe interessa e está em questão.

⁷ Neste aforismo Nietzsche se expressa novamente sobre o **valor e moral da compaixão**, e diz que “à primeira vista parece ser algo isolado, uma interrogação à parte”, contudo, segundo ele, “quem aqui aprende a questionar, a este sucederá o mesmo que ocorreu” a ele, “uma perspectiva imensa se abre” para este ser.

⁸ Não é favorável a nossa argumentação, mas oportuno colocar aqui, que Domenico Losurdo, em sua obra “*Nietzsche, o rebelde aristocrata: biografia intelectual e balanço crítico*”, interpreta o pensamento de Nietzsche a partir de uma dimensão política marxista, deste modo, os escritos de Nietzsche contra a compaixão vão aparecer como uma dimensão política ideológica do filósofo, e não como uma refinada crítica à metafísica e a moral. Assim, segundo Domenico, a polêmica contra a compaixão nos escritos nietzschianos seria uma expressão ideológica, que faz parte de uma reação aristocrática da época nas esferas políticas, fruto dos confrontos entre os movimentos socialistas e democráticos. Assim, estes escritos seriam uma nítida expressão ideológica da falta de compaixão da elite da época. Contudo, nossa abordagem não segue nesta direção, antes, busca uma compreensão existencial-filosófico-filológica dos escritos do autor.

⁹ Daniel Huppès coloca em seu texto, que no “pensamento nietzschiano não há uma única moral como sendo a única que é válida; há diversas morais distintas” e que para Nietzsche “os filósofos que tentaram investigar a moral não foram capazes de perceber isto”.

¹⁰ Apesar destes mecanismos estruturantes também se fazem presentes no texto.

¹¹ Pois, Nietzsche mesmo, em um dado momento de sua vida, abandona seu projeto de transvalorização de todos os valores.

¹² Autogenealógicamente? Sobre a hipótese da genealogia das condições da vida e teoria de Nietzsche ver: VIESENTEINER, 2010, p. 327-353, mais especificamente a partir da página 343.

¹³ Neste aforismo Nietzsche escreve: “Onde estão seus maiores perigos? – Na compaixão.”.

É óbvio, que aqui não podemos desconsiderar as concepções antropológicas que baseiam as formulações destes dois filósofos sobre a questão da compaixão; pois são cosmovisões bem distintas do modo de perceber as relações humanas; para Schopenhauer “é especificamente o sofrimento dos outros que faz com que os homens se comovam”, há aqui a questão da “identificação interpessoal humana”, do identificar com o outro (HUPPES, 2012, p. 49-50), contudo, para Nietzsche, entretanto, Huppess nos diz:

[...] a moral da compaixão de Schopenhauer é um tanto quanto ingênua ao estipular que, ao agir, deve-se ter em consideração somente o outro. Isto não faz sentido para o pensamento nietzschiano porque, de acordo com este, os homens sempre acabam agindo de uma maneira ou de outra em função de suas inclinações egoístas. Se analisado minuciosamente poder-se-ia perceber que sempre há interesses particulares “disfarçados” quando da ação dos homens. [...]. (HUPPES, 2012, p. 51)

Mas, a nossa questão aqui é que todas estas implicações são colocadas no texto de modo radicalmente pessoal/direto, de modo heurístico-performático, despertando com isto múltiplas possibilidades e reações por parte do leitor. Há no texto a figura. Há um modo muito próprio e específico/pessoal de citação alheia; uma norma linguística de argumentação explicitamente subjetiva; um modo próprio do sujeito de combinar a figura com o tema, mas, principalmente há aí, um texto com profundas relações com a história (SAVIOLI; PLATÃO, 1991), não apenas uma relação histórica concernente ao contexto histórico em si. Mas, também, principalmente com a história de vida do indivíduo que escreve, pois há uma heurística da criação (AUGRAS, 1972, p. 15-29).¹⁴

Assim, segundo Bruna Dutra Fernandes, Nietzsche ao considerar “o princípio da moral da compaixão” schopenhaueriana, “como princípio da decadência da vida”, anuncia “a necessidade de proscriver de modo energético e radical esta espécie de mau gosto”, e assim “em oposição à Schopenhauer e a tradição filosófica, Nietzsche extrai da noção de vontade de

¹⁴ Neste artigo histórico da área da psicologia, a autora trabalha no sentido de que, “Criar é atribuir ao mundo um esquema de significações [...]” e mais, o ato criativo segundo a autora, “aparece como essencialmente semiótico, quer dizer, como organizador de um sistema de significados, e, pelas contradições inerentes à evolução semântica, **polêmico (de polemós, conflito)**.” E, portanto, do ponto de vista psicológico a capacidade de atuar de modo criativo, possui características específicas, sendo elas: “a) o criador possui capacidade para manipular símbolos [...] para mover-se no plano abstrato; b) [...] é seguro o seu relacionamento com a realidade e com o concreto, sem o que não poderá trazer a obra para o plano da realização; c) isto implica integração cultural, **conjuntamente com a liberdade em relação à tradição, com bastante agressividade e segurança para opor-se adequadamente à mesma.** (Grifos nosso, citações páginas 17 e 18). Assim, Augras trabalha em seu texto no sentido de dizer que há na natureza da criatividade um duplo aspecto do encontro do indivíduo consigo próprio e com sua cultura/mundo.

poder um novo pensamento sobre a vida”, (FERNANDES, 2014, p. 195-196), afirmando no aforismo sobre *a vontade de sofrer e os compassivos*, o que se segue:

[...] – Aquilo de que sofremos de modo mais profundo e pessoal é incompreensível e inacessível para quase todos os demais: nisso permanecemos ocultos ao próximo, ainda que ele coma do mesmo prato conosco. Sempre que somos notados como sofredores, porém, o nosso sofrer é interpretado superficialmente; é da essência do afeto compassivo despojar o sofrimento alheio do que é propriamente pessoal [...]. Na maioria dos benefícios prestados a infelizes, há algo de revoltante na frivolidade intelectual com que o compassivo faz o papel do destino: ele nada sabe de toda a sequência de complicações interiores que a infelicidade significa para mim e para você! [...] ele (o compassivo) quer ajudar, e não pensa que exista uma necessidade pessoal de infortúnio, que para mim e para você haja terrores, empobrecimentos, privações, meias-noites, aventuras, riscos e erros tão necessários quanto o seu oposto, e que, para me expressar misticamente, a trilha para o céu de cada um sempre passe pela volúpia do seu próprio inferno. Não, disso ele nada sabe: a “religião da compaixão” [...] ordena que ajude, e acredita-se haver ajudado melhor quando se ajudou rapidamente! Se vocês, adeptos desta religião, tiverem para consigo realmente a mesma atitude que têm para com os seus semelhantes; se não querem deixar que seu próprio sofrer [SIC] permaneça uma hora consigo e sempre evitam já a distância todo infortúnio possível, se vêem o sofrimento e o desprazer como maus, merecedores de ódio e destruição, como máculas na existência: bem, então vocês levam no coração, além da religião da compaixão, ainda uma outra, que será talvez a mãe dessa: - a religião da comodidade. Ah, como sabem vocês pouco acerca da humana felicidade, seres cômodos e benévolos! – pois felicidade e infelicidade são irmãs gêmeas, que crescem juntamente ou, no seu caso, juntamente continuam pequenas! [...]. (NIETZSCHE, 2001, aforismo 338, p. 226-228. Parêntese no corpo do texto nosso)

Deste modo, entendemos que é a partir do confronto/oposição direta com o modo como seu mestre compreende a moral da compaixão, que Nietzsche escreve sobre a compaixão, pois, para o autor, quando se compreende estas questões que envolvem a vontade de sofrer e os compassivos, *“você também quererá ajudar: mas apenas aqueles cuja miséria compreende inteiramente, pois têm com você uma dor e uma esperança em comum – os seus amigos: e apenas do modo como você ajuda a si mesmo”* (NIETZSCHE, 2001, p. 228)¹⁵.

A ESCRITA NIETZCHIANA, UM ASPECTO DUPLO DO INDIVÍDUO CONSIGO MESMO E COM SEU MUNDO: ALGUMAS RELAÇÕES QUE ESTA SUBJETIVIDADE SUCITA EM SEUS LEITORES

¹⁵ Vale ressaltar, que nos escritos nietzschianos o conceito de compaixão anda de mãos dadas com o entendimento de amigo e amizade. Em Zarathustra, por exemplo, nos aforismos “DO AMIGO”, livro I, e “DOS COMPASSIVOS”, livro II, em ambos, os conceitos aparecem interligados. Itálico e negrito nosso.

Existem alguns fluxos/transformações que invadem as nossas vidas e nos colocam a pensar (NIETZSCHE, 2004, aforismo 481), este era um aspecto de fundamental importância em relação ao fazer filósofo para Nietzsche, constituindo-se deste modo, o diferencial de sua filosofia. Sobre isto, o próprio Nietzsche considerava que alguns grandes pensadores ficavam em desvantagens em relação a outros, pois pensavam e tinham ideias sobre coisas que não vivenciaram¹⁶. Jorge Luiz Viesenteiner em seu artigo, *Erlebnis (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a “crítica da ‘razão da minha vida’” em Nietzsche*, trabalha com a seguinte hipótese:

[...] partir do conceito de Erlebnis (vivência), a fim de analisar em que medida as vivências de Nietzsche revelam muito mais uma genealogia das condições sobre as quais seus pensamentos e teorias cresceram e se desenvolveram [...], e menos como uma autobiografia. (VIESENTEINER, 2010)

Partindo desta hipótese, o autor argumenta que “a partir de 1880, Nietzsche passa por um processo de profunda transformação e amadurecimento” e que a “solidão em virtude do distanciamento dos seus principais mestres”, além da “doença diante da intensificação de suas péssimas condições físicas de saúde” são experiências existenciais fundamentais da vivência nietzschiana, e, portanto “ambas temáticas ganham estatuto filosófico e estarão presentes em seus escritos e cartas” (VIESENTEINER, 2010, p. 328-329).

Para Viesenteiner, Nietzsche escreve “apenas sobre o que foi vivenciado” e deste modo, **“essas vivências são apenas o solo de seus pensamentos, mas não os explicam em absoluto”** (VIESENTEINER, 2010, p 330, grifo nosso)¹⁷, ou seja, segundo o autor, “não parece haver aí uma efetiva unidade entre pensamento e vida”, mas, “uma interpretação que Nietzsche faz do corpo, um pensamento colocado sob a pressão da doença”. Neste sentido, para o autor as “teorias” ali colocadas “remontam sim às suas vivências, mas só na medida em que elas revelam a genealogia de suas teorias, mas não a explicação do pensamento mesmo”.

¹⁶ E por vivências aqui, Nietzsche deixa claro no texto que não estava pensando **“em grandes eventos exteriores, mas nas vicissitudes e tremores que assaltam a vida mais quieta e solitária”** daqueles que se colocam a pensar. (Grifo no texto nosso, mesmo aforismo acima citado).

¹⁷ Vale acrescentar que Viesenteiner nos alerta, entretanto, sobre a questão da *Erlebnis* e o *pathos*, na medida em que no instante mesmo da vivência seu conteúdo está sempre obstruído racionalmente, ou seja, fora de qualquer “contexto racional” entre si, pois raramente estamos conscientes do autêntico *pathos* de cada período da vida enquanto nele estamos (este final ver p. 335 e nota 12). Neste sentido, *Erlebnis* é um conceito paradoxal, pois

(VIESENTEINER, 2010. p, 340). Assim, o autor nos concede permissão para argumentamos no sentido de que a escrita nietzschiana se constrói sobre um duplo aspecto, a saber, que a mesma é fruto do indivíduo consigo mesmo e com seu mundo, se constituindo assim, como um modo muito próprio e particular de ser-existir Nietzsche no mundo e para o mundo. Uma expressão de sua subjetividade¹⁸, ou seja, a materialidade dos seus processos/modos de subjetivação e que diz respeito à criação de modo de existência e de estilo de vida. Desta maneira, por meio de um modo heurístico-performático-criativo de escrever, Nietzsche suscita questionamentos em seus leitores que foram gestados em suas vivências e experiências existenciais. Uma heurística performática da criação que parte do autor ao leitor e do leitor ao autor, em um movimento circular.

No prólogo do livro *Genealogia da moral*, por exemplo, é o próprio Nietzsche que fala sobre esta relação entre os seus pensamentos e sua existência, e num tom quase como de conversa com seus leitores ele se expressa sobre onde se originou verdadeiramente sua curiosidade e suspeitas em relação à moral, ou mais especificamente “nosso bem e nosso mal”, assim diz ele:

[...] De fato, já quando era um garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do bem e do mal: a ele dediquei, numa idade em que se tem “o coração dividido entre brinquedos e Deus”, minha primeira brincadeira literária, meu primeiro exercício filosófico – quanto à solução que encontrei então, bem, rendi homenagem a Deus, como é justo, fazendo-o Pai do mal. Era isso que exigia meu “a priori” de mim? Aquele novo e imoral, pelo menos imoralista “a priori”, e o “imperativo categórico” que nele falava, tão antikantiano, tão enigmático, ao qual deste então tenho dado atenção, e mais que atenção?... Por fortuna logo aprendi a separar o preconceito teológico do moral, e não mais busquei a origem do mal por trás do mundo. Alguma educação histórica e filológica, juntamente com um inato senso seletivo em questões psicológicas, em breve transformou meu problema em outro [...] – Para isso encontrei e arrisquei respostas diversas, diferenciei épocas, povos, hierarquias dos indivíduos, especializei meu problema, das respostas

quer representar algo que em si não é compreensível. Ver mais minuciosamente em VIESENTEINER, 2013, p. 141-155.

¹⁸ VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é**. Campinas, São Paulo, Editora PHI, 2013, p. 215 e seguintes, o autor aborda sobre o problema da linguagem na comunicação das vivências internas e nos diz: “[...]. Tão logo, porém, como vimos, uma vivência é conceitualizada, isto é, comunicada através de signos lingüísticos em comum, ela deixa de ser vivência em algo mediano, abreviado e vulgarizado. [...]”. (Ver esta citação na p. 215), ou seja, quando narramos, comunicamos “uma experiência e não uma vivência”. (Ver esta citação na p. 16). Neste sentido, pensaremos a escrita nietzschiana como sendo uma expressão/tentativa heurístico-performática-criativa de superação das próprias limitações da linguagem. Uma escrita arte. Um modo de expressão de subjetividade por meio da linguagem escrita, como resultado de um processo/experiências. Um modo de comunicar-se com o mundo. Deste modo, o problema da linguagem na comunicação das vivências internas, e neste caso da comunicação escrita, como nos coloca Viesenteiner, impõe necessariamente o problema da compreensibilidade e também o da incompreensibilidade.

nasceram novas perguntas, indagações, suposições, probabilidades: até que finalmente eu possuía um país meu, um chão próprio, um mundo silene, próspero, florescente, como um jardim secreto do qual ninguém suspeitasse... Oh, como somos felizes, nós, homens do conhecimento, desde que saibamos manter silêncio por algum tempo!... (NIETZSCHE, 1998, aforismo 3 do prólogo p. 9-10)

Por meio deste aforismo, Nietzsche expressa que seus principais problemas filosóficos, suas ideias e pensamentos, se entrelaçam com sua própria história de vida. E que as mesmas, têm relações diretas com encontros e desencontros da sua vivência/experiência religiosa e também filosófica, ou seja, “a intencionalidade de cada vivência se torna de tal modo importante que toda observação carrega consigo a significabilidade daquilo que se vivenciou” (VIESENTEINER, 2013, p. 109). No aforismo que passaremos a descrever na seqüência, podemos observar novamente este movimento vivo (BARROS, 2000, p. 89-104)¹⁹ da escrita nietzschiana, movimentos estes que são percebidos/recepcionados por seus leitores quando os mesmos se deparam com seus escritos, vejamos:

O meu primeiro impulso para divulgar algumas das minhas hipóteses sobre a procedência da moral me foi dado por um livrinho claro, limpo e sagaz [...]. O título do livrinho era *A origem das impressões morais*, seu autor, o dr. [sic] Paul Rée; o ano do seu aparecimento, 1877. Talvez eu jamais tenha lido algo a que dissesse “**não**” de tal modo, sentença por sentença, conclusão por conclusão, como a esse livro: sem traço de irritação e impaciência, porém. [...], não para refutá-las – que tenho eu a ver com refutações! – mas sim, como convém num espírito positivo, para substituir o improvável pelo mais provável, e ocasionalmente um erro por outro. [...]. (NIETZSCHE, 1998, aforismo 4 do prólogo, p. 10. Grifo no texto nosso)

Deste modo, seus pensamentos e escritos, como ele mesmo escreve no *aforismo 2*, não brotaram “de maneira isolada, fortuita, esporádica, mas a partir de uma raiz comum”, como algo que comanda suas profundezas, “uma vontade fundamental de conhecimento”, pois, do mesmo modo como “uma árvore” tem a necessidade de produzir seus frutos, “nascem em nós nossas ideias, nossos valores, nossos sins e não e ses e quês”, como “testemunhas de uma vontade”. (NIETZSCHE, 1998, aforismo 2 do prólogo, p. 8). Neste ponto, o filósofo pergunta

¹⁹ Neste artigo o autor faz uma análise dos escritos do terceiro período da obra de Nietzsche a fim de trazer a tona o estreito vínculo que existe entre a vivência de Nietzsche e sua reflexão filosófica. Deste modo, o autor percorrendo por outros caminhos, mas com um propósito bem aproximado ao nosso, parte da concepção, que em Nietzsche: “a vivência singular se acha estreitamente vinculada à reflexão filosófica” (ver p. 90), e que por este motivo, “talvez o grande desafio que perpassa o exaustivo itinerário intelectual” de Nietzsche, seja a seguinte

retoricamente aos seus leitores: “se vocês gostarão desses nossos frutos? – Mas que importa isso às árvores! Que importa isso a nós, filósofos!...”.

Assim, o leitor é sempre convidado a participar de modo criativo, e, em conjunto com o autor. É convidado a pensar/filosofar como amigos, por meio das indagações, dos questionados e dos desafiados, como se o autor sussurrasse a cada nova interrogação, quase que individualmente as suas ideias nos ouvidos de cada leitor, durante todo o seu processo de expressão e produção filosófico-literária. Os leitores/amigos, ao serem convidados são também forçados (por meio de uma retórica por vezes agressiva) a si manifestar/posicionar. E este movimento linguístico existencial se torna um mecanismo de estruturação que dá sentido/significado a seu texto a partir de questionamentos filosóficos plenamente existenciais, pois em suma, como nos escreve Viesenteiner, “*Erlebnis* consiste em uma tríplice definição orgânico-inconsciente-estética da vida.” (VIESENTEINER, 2010, p. 330. Nota cinco.) E deste modo exige leitores especiais (amigos), pois a vivência “como genealogia das condições” pressupõe “a idéia de que só compreendemos o que estamos preparados para compreender” (VIESENTEINER, 2010, p. 341).

Neste ponto, entra a questão da recepção entre Nietzsche e seus leitores. Questão, aliás, que é recorrente em suas obras. Se constituindo algumas vezes como uma verdadeira preocupação do filósofo/filólogo durante sua trajetória. Como os meus escritos e pensamentos estão sendo recepcionados pelos meus leitores? Esta é uma preocupação que aparece de modo claro nas obras de Nietzsche e assim como a maioria dos conceitos pensados pelo autor vai ao longo dos seus textos e obras variando semanticamente em um constante movimento existencial. Eduardo Nasser vai sustentar em seu artigo que é entre “a reunião” de um “leitor que preserva a literalidade do texto” e um “leitor a empreender uma arte de interpretação” é que “fecunda a figura do leitor ideal em Nietzsche” (NASSER, 2014, 53-54)²⁰.

Há em seus escritos uma fluidez de significado/sentidos, (VIESENTEINER, 2013, p. 243-244), que funcionam como recursos entre o autor e seus leitores, onde o que se está em jogo não é a questão da verdade sobre o escrito em si, mas a compreensão das condições genealógicas que gestaram estes textos. Deste modo, o próprio autor em muitos momentos se cerca de recursos/mecanismos contra alguns “tipos de leitores” que o mesmo não está

questão: “que tipo de *comunicar* poderia, então, dar conta das tensões constitutivas de uma vivência singular?” (ver p. 91). Grifo em itálico no texto do auto.

²⁰ Contudo, vale ressaltar aqui que não estamos de acordo com o autor em relação ao que ele chama de “hipótese esotérica”, mas, concordamos com o autor na questão da ambigüidade em relação à figura do leitor ideal, ou seja, um leitor que recorre à filologia e a interpretação.

disposto a suportar. Vale ressaltar aqui, que a sua formação de filólogo é imprescindível neste processo, pois o mesmo utiliza-se precisamente das palavras, como um verdadeiro perito. Desta maneira, Nietzsche ao colocar e recolocar seus conceitos, sob outros prismas, consegue por meio deste recurso,

[...] levar a cabo o pensamento da fluidez, na medida em que o horizonte de um mesmo conceito pode ser deslocado tão logo suas condições de uso se modifiquem, podendo um único conceito receber, sob condições diferentes, novos significados. Por outro lado, trata-se de tomar distância de um conceito, [...], utilizando os mesmos mecanismos da tradição, mas com um sentido completamente diferente. Por isso Nietzsche, embora utilize os signos tradicionalmente utilizados, é mal-entendido. (VIESENTEINER, 2013, p. 245, apud KSA, 1980 e TONGEREN, 1989)

Assim, ao deslocar seus conceitos de horizontes comuns, ele confere a eles, novos sentidos que vão dele ao leitor, e se voltam a ele através de seus leitores. E os paradoxos, neste sentido, são de fundamental importância neste processo, pois funcionam como mecanismos de estruturação de alargamento de significação/sentido de fronteiras filosóficas. Sobre esta questão, dos paradoxos, Viesenteiner nos diz:

[...]. É provável que nenhum outro filósofo tenha utilizado a estilística do paradoxo tanto quando Nietzsche. O paradoxo é um estilo usualmente empregado para se distanciar precisamente da desindividualização da argumentação, desestabilizar os conceitos e ampliar as margens de atuação e interpretação [...], Nietzsche intencionalmente produziu paradoxos a fim de desconcertar as diferenciações filosóficas fixadas e, com isso, conquistar novas **margens de atuação** [...]. (VIESENTEINER, 2013, p. 223 e 224. Grifo do autor.)

E escrevendo deste modo, como se estivesse a armar arapucas para “pássaros incautos”²¹ Nietzsche vai se revelando e se ocultando conforme suas necessidades filosófico-existenciais, pois “o conteúdo de uma vivência, considerada como pathos, não é conceitualizável” (VIESENTEINER, 2013, p. 228). Nos dizeres poéticos do próprio Nietzsche, “as consequências de toda profunda suspeita, os calafrios e angústias do isolamento, a que toda incondicional *diferença do olhar* condena quem dela sofre”. (NIETZSCHE, 2005, p. 7). É deste modo, que em certos momentos para fugir desta solidão e isolamento, o

²¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2005, p. 7, aforismo 1 do prólogo, Nietzsche, utiliza a expressão que aparece contida entre aspas, ao escrever sobre a recepção dos seus livros entre seus leitores. Neste aforismo, segundo ele, os próprios leitores afirmavam que seus livros continham “laços e redes para pássaros incautos” e que já haviam chamado os seus livros de “uma escola da suspeita”, e Nietzsche completa dizendo: “[...]. De fato, eu mesmo não acredito que alguém, alguma vez, tenha olhado para o mundo com mais profunda suspeita, [...]”.

filósofo/filólogo brinca com as palavras, criando conceitos como se fossem personagens; personagens que o autor dá vida e depois leva a morte, conforme descrito no trecho abaixo:

Foi assim que há tempos, quando necessitei, inventei para mim os “espíritos livres”, aos quais é dedicado este livro melancólico-brioso que tem o título de *Humano, demasiado humano*: não existem esses “espíritos livres”, nunca existiram – mas naquele tempo, como disse, eu precisava deles como companhia, para manter a alma alegre em meio a muitos males (doença, solidão, exílio, acedia, inatividade): como valentes confrades fantasmas, com as quais proseamos e rimos, quando disto temos vontade, e que mandamos para o inferno, quando se tornam entediadas – uma compensação para os amigos que faltam. Que um dia poderão existir tais espíritos livres, [...], e não apenas, como para mim, em forma de espectros e sombras de um eremita: disso serei o último a duvidar. [...]. (NIETZSCHE, 2005, aforismo 2, p. 8-9)

De modo tal, que nos dizeres de Viesenteiner, “não há outra linguagem para comunicar um [sic] tal *pathos* que não a ditirâmbica” (VIESENTEINER, 2013, p. 259). Neste sentido, para *vivências incomuns*, encontrar uma linguagem que dê conta é demasiado complexo, pois necessariamente, estas vivências põem a questão: que linguagem empregar? E nestes momentos, quando a linguagem não consegue mais dá conta, só mesmo “esta travessia com *pathos* por uma vivência fornece ao homem liberdade suficiente para não ter que dar satisfações nem sequer a si [sic] próprio, bem como para imprimir em si mesmo as mais variadas formas,” de “estilo ao caráter”. (VIESENTEINER, 2013, p. 16-17). E, esta “arte do estilo” que há na escrita nietzschiana, uma arte de excessos que tem a ver com sua própria vida, a cada novo aforismo, se apresenta diante dos seus leitores de modo que os mesmos não conseguem o capturar. E nestes leitores, Nietzsche vê um modo de se comunicar com a vida, se comunicar com um mundo, em um mundo que o mesmo se sentia nele como uma espécie de andarilho e extemporâneo, (NIETZSCHE, 2001, aforismo 380, p. 283), pois nos dizeres dele: “a filosofia, como até aqui a entendi e vivi, é a vida voluntária no meio do gelo e nas altas montanhas – a procura de tudo o que é estranho e problemático na existência, de tudo o que até agora foi banido pela moral”. (NIETZSCHE, 2008, aforismo 3 do prólogo de *Ecce homo*). E aos seus leitores ele acrescenta:

– Quem sabe respirar o ar dos meus escritos sabe que é um ar das alturas, uma atmosfera forte. É preciso estar preparado para as alturas, de outro modo o perigo de aí enregelar não é pequeno. Próximo está o gelo, atroz é a solidão – (NIETZSCHE, 2008, aforismo 3 do prólogo de *Ecce homo*)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...]. Nossas verdadeiras vivências não são nada loquazes (tagarelas). Não poderiam comunicar a si próprias, ainda que quisessem. É que lhes faltam as palavras. Aquilo para o qual temos palavras, já o [sic] deixamos para trás. [...]. A linguagem, parece, foi inventada apenas para o que é médico. Mediano, comunicável. (NIETZSCHE, 2008, aforismo 26, p. 78)

Como é difícil comensurar racionalmente os conteúdos de nossas vivências. Como é difícil falar/comunicar aquilo que realmente tem importância para nós. Neste sentido, que tipo de comunicar poderia dar conta de uma vivência tão singular? E se é possível escrever de modo a acalantar o desconforto de uma solidão, como estes escritos e pensamentos serão recepcionados pelos leitores? Neste artigo, procuramos demonstrar como Nietzsche, incansavelmente, por meio dos seus escritos deslocava seus conceitos do seu eixo/campo semântico habitual e com este recurso, cheio de desempenho-estilístico e demasiada heurística criativa, provocava uma reviravolta imensa de movimentos possíveis, (NIETZSCHE, 2008, aforismo 7, p. 60-61) gerando por meio de seus aforismos hiperbólicos reações das mais variadas possíveis em seus leitores/amigos. Procuramos demonstrar também que cada deslocamento feito por ele passa necessariamente por suas vivências (encontros/desencontros), se constituindo assim, como resultados de suas experiências.

Desta maneira, colocando em destaque o conceito de compaixão, averiguamos como estes movimentos se constituem um modo de ser-existir Nietzsche no mundo e para o mundo, sendo, portanto frutos de sua subjetividade e um modo de expressão/materialidade destes processos de subjetivação. Assim, enquanto leitora inquieta e desassossegada da escrita nietzschiana finalizo com a seguinte reflexão do autor:

[...] – Palavras são sinais sonoros para conceitos; mas conceitos são sinais-imagens, mais ou menos determinados, para sensações recorrentes e associadas, para grupos de sensações. **Não basta utilizar as mesmas palavras para compreendermos uns aos outros; é preciso utilizar as mesmas palavras para a mesma espécie de vivências interiores, é preciso, enfim ter a experiência em comum com o outro.** [...]. (NIETZSCHE, 1992, aforismo 268, p.. 182-183. Grifo no texto nosso)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGRAS, Monique. Criatividade e Heurística. **Arquivos brasileiros de psicologia aplicada**, Rio de Janeiro, ano 4, v. 24, n.4, p. 15-29, 1972.
- BARROS, Fernando R. Moraes. A letra viva de Nietzsche: uma abordagem afetiva da reflexão filosófica. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 8, p. 89-104, 2000.
- CORREIA, Heloísa Helena Siqueira. Nietzsche, criador de metáforas, aforismos, ensaios, narrativa e poesia. **Letrônica: Revista Digital do PPGL**, v. 6, n. 2, p. 798-814, 2013.
- FERNADES, Bruna Dutra. Aspectos da crítica de Nietzsche à moral da compaixão de Schopenhauer. **Revista Lampejo**, Fortaleza, v. 1, n. 5, p. 191-199, 2014.
- HUPPES, Daniel. O Equívoco de Schopenhauer segundo as críticas de Nietzsche à moral. **Seara Filosófica**, n. 5, 2012.
- LOSURDO, Domenico. **Nietzsche, o rebelde aristocrata**: biografia intelectual e balanço crítico. Tradução: Jaime A. Classen. Rio de Janeiro. Revan. 2009.
- MACHADO, Isadora Lima. **Para além das palavras e das coisas: Friedrich W. Nietzsche e as ciências da Linguagem**, 2011, 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas.
- NASSER, Eduardo. Nietzsche e a busca pelo leitor ideal. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. I n. 35, p. 33-56, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- _____. Friedrich Wilhelm. **O Anticristo: Maldição ao Cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2007.
- _____. Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: Uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia da Letras, 1998.
- _____. Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- _____. Friedrich Wilhelm. **Aurora**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- _____. Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2005.
- _____. Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**. Tradutor: Artur Morão. Portugal, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2008.
- SAVIOLI, José Luiz Fiorin; Francisco Platão. **Para aprender o texto: Leitura e Redação**. São Paulo: Ática, 1991.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. Erlebnis (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a “crítica da razão da minha vida” em Nietzsche. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v, 1, n. 2, p. 327-353, jul/dez. 2010.
- _____. Jorge Luiz. O conceito de vivência (erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção. **Kriterion: Revista de filosofia**. Belo Horizonte, nº 127, Jun./2013, p. 141-155.
- _____. Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é**. Campinas, São Paulo, Editora PHI, 2013.